

REVISTA DE  
HISTÓRIA  
DAS IDEIAS



PORTUGAL

VOLUME 28, 2007

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**"BOMBAY PORTUGUESE"**  
**Ser ou não ser português em Bombaim no século XIX\* <sup>(1)</sup>**

**Primeiras impressões**

Em 1832, o capitão de fragata da marinha de guerra britânica Basil Hall publicou em Londres um livro de recordações de viagem. Hall estivera em Bombaim cinco anos, entre 1812 e 1817, e escreveu o seguinte a propósito daquilo que viu na parte da cidade que os europeus do século XIX chamavam a cidade nativa (Native Town): "Observei os Parsis, descendentes religiosos directos de Zoroastro, a adorar o fogo, e os Hindus, curvando-se com idêntico fervor perante Baal na forma de uma pedra negra coberta de óleos, grinaldas de flores e mãos-cheias de arroz, enquanto que na rua ao lado decorriam as grandiosas cerimónias

\* Departamento de Arquitectura da FCTUC.

<sup>(1)</sup> A investigação que está na origem deste artigo foi conduzida no quadro de um projecto do Centro de Estudos de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O projecto é conhecido por "Bombaim antes dos Ingleses" (em inglês "Bombay Before the British" - BBB), e o seu objectivo primordial é construir e disponibilizar uma base de dados em linha com informação cartográfica, iconográfica, bibliográfica e documental sobre o antigo distrito de Baçaim da Província do Norte do Estado da Índia portuguesa entre os séculos XVI e XVIII. Agradeço ao meu colega de projecto Sidh Mendiratta, a Patrícia Vieira, Helena Barreiros e Alice Santiago Faria a leitura crítica de uma primeira versão deste artigo.

muçulmanas do Moharram. No meio de tudo isto passava uma procissão Portuguesa com uma cruz imensa levantada e outros símbolos católicos Romanos de grande dimensão"<sup>(2)</sup>.

Cinquenta anos depois, o francês Louis Rousselet também viu portugueses na Native Town de Bombaim: "A multidão tem um aspecto muito particular que não ocorre em mais nenhuma cidade do mundo. Os corpulentos Bânias do Kutch ou do Gujerate, com os seus turbantes de musselina na cabeça, tentam apregoar mais alto que os naturais de Cabul ou do Sind; o fakir Hindu, nu e odiosamente sarapintalgado, empurra o padre Português coberto com a sua batina preta. A própria Torre de Babel não continha de certeza amostra mais completa da raça humana"<sup>(3)</sup>.

Mas não eram somente os ingleses ou os viajantes de passagem que, em Bombaim, acreditavam ver portugueses no meio de uma multidão de "nativos" que percebiam como caótica. Havia quem encontrasse portugueses nos salões das boas casas dos bons bairros da cidade: em viagem para Goa, em 1856, onde ia ser secretário-geral do Governo da Índia, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara foi recebido na área bombainense de Mazagão por "famílias que em tudo se prezam do nome portuguez [...] e que sendo cidadãos ingleses [...] falam portuguez, dizem-se portuguezes, chamam seu Rei a El-Rei de Portugal, cujo retrato e o da Rainha D. Maria II se vê em todas as suas casas". E concluiu, muito impressionado: "Nós lá na Europa não fazemos ideia do que vale ainda aqui o nome portuguez"<sup>(4)</sup>.

De facto, havia vários grupos de habitantes da cidade e da região de Bombaim que se designavam a si próprios como portugueses. A certa altura, a palavra tornou-se até objecto de um conflito.

No dia 27 de Maio de 1887, ano do jubileu da rainha Victoria, vinte e sete bombainenses juntaram-se para fundar uma associação a que chamaram Bombay East Indian Association. Um dos participantes na reunião, John De Mello, recordou mais tarde que "o propósito inicial, de grande importância, foi mudar a designação da comunidade de 'Bombay Portuguese' para 'Bombay East Indian'. O primeiro nome

(2) Cit. R. P. Karkaria, *The Charm of Bombay*, 1915, p. 93, trad, minha.

(3) Recordações de 1864-69, publicadas em 1882, cit. Karkaria, *The Charm of Bombay*, 1915, p. 290, trad, minha.

(4) Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *De Lisboa a Goa pelo Mediterrâneo*, 1856, pp. 54, 55.

confundia a nossa gente [our people] com outras classes com nomes Portugueses com quem estavam misturados [intermingled]"<sup>(5)</sup>.

O nome "east-indians" foi escolhido para fazer referência à Companhia Inglesa das Índias Orientais, a East India Company, que controlara politicamente Bombaim no século XVIII e parte do século XIX e fora o agente principal do crescimento económico da cidade a partir de meados do século XVII e da Índia britânica até meados do século XIX. Através dessa designação, a "classe" de que os vinte e sete fundadores da Bombay East Indian Association se reclamavam procurava afirmar a sua fidelidade ao poder britânico e distanciar-se da designação portuguesa.

De Mello anotou que o lançamento da nova associação criou resistências. Houve reuniões agitadas nos arredores de Bombaim, em Andheri, Papdi e Baçaim, e na própria cidade. As "outras classes com nomes Portugueses" referidas por De Mello, ou seja, os goeses emigrados em Bombaim, mobilizaram-se, criaram o jornal *Portuguez Brittanico* e tentaram lançar uma Bombay Portuguese Association.

A reunião de 1887 e os acontecimentos subsequentes, com a criação efectiva da Bombay East Indian Association através de um processo de adesão que juntou centenas de sócios, podem portanto ser interpretados como o primeiro passo para, ao nomear uma comunidade (os "east-indians", antes conhecidos como "Bombay Portuguese"), constitui-la enquanto tal: o próprio De Mello diz que os "east-indians" estavam "intermingled" com outras "classes" com nomes portugueses e teria sido necessário destrinchá-los, separá-los.

Todavia, não se tratou de uma simples questão de nomeação ou de construção de uma comunidade a partir de cima. A pequena assembleia de 1887 foi apenas um episódio num processo desenvolvido na história dos cem anos anteriores.

<sup>(5)</sup>De Mello, *Some materials for a history of the Bombay East Indian Community* 1937, p. 8. Ver transcrição parcial em <http://www.east-indians.com/beiahistoricalsketch.htm>

## **Bombaim na Província do Norte**

No século XVII, Bombaim era uma vilória situada numa pequena ilha no extremo sul do distrito de Baçaim da Província do Norte do Estado da Índia, a maior extensão territorial portuguesa na Ásia. A ilha foi cedida aos ingleses em 1661, como dote de casamento da princesa Catarina de Bragança com Carlos II Stuart. Mas a maior parte do território, a grande ilha de Salsete<sup>(6)</sup> e o território de Baçaim, situados a norte de Bombaim, e a ilha de Caranjá, a leste, ficaram sob posse portuguesa até 1739-1740, quando foram conquistados pelos maratas (e pelos ingleses trinta anos depois). Baçaim, a capital da Província, muitíssimo mais importante que Bombaim, é hoje uma cidade-fantasma em ruínas, inquietante e pitoresca. Pelo contrário, as principais povoações do distrito foram engolidas pelo vasto subúrbio de Bombaim. A antiga vilória, por seu lado, é hoje o coração da grande área metropolitana.

O território que os ingleses herdaram em 1661 e aquele que conquistaram depois de 1770 foi descrito e representado em imagens por viajantes e por oficiais da coroa britânica, entre meados do século XVII e meados do século XIX, sempre de modo semelhante: era um território onde existiam duas povoações de dimensão média, Thana (Taná) e Bandra (Bandorá), várias aldeias maiores, Mahim, Mazgaon (Mazagão), dezenas de aldeias pequenas, e cujos edifícios mais importantes eram as igrejas, os conventos e as casas senhoriais dos maiores proprietários europeus e católicos indianos. Era território católico, vivendo ao ritmo da agricultura, da pesca e dos rituais da igreja<sup>(7)</sup>. A língua de comunicação oficial era o português.

Em 1670 o presidente da feitoria de Bombaim da Companhia das Índias Orientais, Gerard Aungier, mais tarde governador da cidade, queixou-se de que era obrigado a usar "nativos Portugueses" para juizes, polícias e para outras funções públicas, e de que tudo tinha que ser feito e escrito em língua portuguesa. Queixou-se também de que muitos ingleses

<sup>(6)</sup> No quadro do Projecto BBB, adoptámos a grafia Salsete (com s) para referir esta região, de acordo aliás com a grafia inglesa tradicional - Salsette - de modo a distingui-la da província de Salcete (com c), uma das regiões das velhas conquistas de Goa.

<sup>(7)</sup> Apresentámos uma primeira síntese da história e configuração deste território em Paulo Varela Gomes e Walter Rossa, "O primeiro território", 2000.

tentavam casar com "white Portuguese mesties [mestiças], half-caste women, natives of the island, who are Roman Catholics...", o que seria muito mau, segundo ele, para o futuro da crença anglicana<sup>(8)</sup>.

Em muitas localidades da Província do Norte, incluindo nos arredores de Bombaim, os dialectos de português foram-se afirmando como língua de todos os dias. Só um desses dialectos sobreviveu até hoje, aquele que falam os habitantes da aldeia de Korlai situada perto de Chaul, a sul de Bombaim, mas havia mais<sup>(9)</sup>. Na década de 1920 muitas famílias ricas de Salsete ainda falavam "a língua dos velhos missionários", sem dúvida por necessidade de distinção social e por influência da língua usada no culto católico que era, para além do latim, o português<sup>(10)</sup>.

Na ilha de Bombaim propriamente dita, a influência do catolicismo e da língua portuguesa diminuiu rapidamente até ao final do século XVIII. Em 1771, fora das muralhas do forte construído pelos ingleses em volta de Bombaim, a autoridade era assegurada já não por "native Portuguese" mas por uma milícia da casta bhandari dirigida por ingleses, embora ainda houvesse cerca de vinte "respectable Portuguese fazendas" a participar nas rondas de vigilância<sup>00</sup>.

Em 1775, os ingleses estabeleceram carreiras regulares de navegação entre Mahim, a aldeia situada no extremo noroeste do seu território em Bombaim, e Bandra, capital de Salsete, a ilha católica recentemente anexada. Em 1843, foi construído o dique que permitiu o assoreamento do braço de mar entre Salsete e Bombaim e uniu as duas ilhas em definitivo.

<sup>(8)</sup> *Bombay Gazetteers*, 1893, vol. I, pp. 44-45.

<sup>(9)</sup> Em 1972 havia apenas um falante de crioulo indo-português na área de Baçaim segundo Godwin (*Change and continuity: a study of two Christian village communities in suburban Bombay*, 1972) cit. Jackson, introdução a Tavares de Mello, *Folclores Ceiloneses* 1998, p. 37. Os dialectos "indo-portugueses" ou "crioulo portugueses" começaram a ser estudados no caso da Índia do norte pelo austríaco Hugo Schuchardt que publicou um artigo sobre Diu, em 1883, em Viena, e depois um outro sobre o "Indoportuguês" em 1889 (Clemens, *The genesis of a language*, 1996, p. 2). Seguidamente pelo orientalista goês Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922). Sobre Dalgado, ver link correspondente no sítio-web super.goa.com.

<sup>(10)</sup> Correia Afonso, "The land and the people" (*In The Mission Field*, 1925, pp. 63-94), refere-se às "muitas famílias" de Salsete que ainda falam português, a língua dos "velhos missionários" (p. 69). A língua da maioria dos católicos é marata e o português "is still spoken in some well-to-do families" (p. 81).

<sup>(11)</sup> Edwardes, *The Bombay City Police*, 1923, p. 7.

Por esta altura começava o território a entrar na sua transformação mais decisiva, duzentos anos depois do casamento de Catarina de Bragança e Carlos II, cem anos depois da conquista marata: em 1854 inaugurava-se em Bombaim a primeira fábrica de fição de algodão movida por máquina a vapor. Quando rebentou a guerra civil norte-americana, em 1861, e o mercado britânico de tecidos deixou de poder contar com o algodão do sul dos Estados Unidos, chegou a hora do algodão indiano e de Bombaim. Em 1862 começaram a ser demolidas as muralhas e baluartes do forte. Dez anos depois, o território foi planeado para facilitar o controle da expansão. Em duas a três décadas, seguindo as grandes fiações de algodão, a cidade expandiu-se por toda a ilha de Bombaim e estendeu os seus tentáculos de carris de ferro, de tijolo, de cimento armado por Salsete acima, ao longo das velhas estradas, caminhos e pontes do território católico, absorvendo as antigas aldeias. Tornou-se a "Urbs Prima in Indis", como passaram a ostentar as suas orgulhosas armas. Os católicos viram-se de repente reduzidos a uma pequena minoria perante a chegada à região de milhões de migrantes vindos de toda a Índia. Em 1925, no final do período de que se ocupa o presente artigo, havia em Salsete 22 paróquias e em Baçaim 12, com cerca de 50.000 fiéis, que praticavam o culto em latim e português em mais de 70 igrejas e capelas<sup>(12)</sup>. Na cidade de Bombaim propriamente dita havia cerca de 40.000 católicos.

Todavia, no século XIX e até ao início da década de 1930, os católicos da antiga Província do Norte não obedeciam todos à mesma igreja e a história da sua divisão (e dos católicos da Índia em geral) por várias fidelidades é das mais controversas e recalcadas da história do catolicismo moderno - e portanto das mais difíceis de contar com um mínimo de segurança relativamente aos factos. O caso ficou conhecido como o "Cisma Goano" (ou goês), embora não se tenha tratado de um "cisma" no sentido exacto do termo, e teve uma importância decisiva para a questão de que se ocupa este artigo porque resultou num clima

<sup>(12)</sup>In *The Mission Field*, pp. 50-51; ver também, entre outras fontes, Gerson da Cunha, *Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein*, 1876, p. 161; Castro, *Relatório e proposta*, 1883. De acordo com este Relatório havia em território inglês na Índia, 100 paróquias do padroado com cerca de 250.000 fiéis. Em Bombaim eram 40 paróquias com 60.000 católicos (p. 4).

de verdadeira guerra - de palavras e, por vezes, de violência física - entre os católicos de Bombaim<sup>(13)</sup>.

## O "Cisma Goano"

O "Cisma" foi o culminar do longo conflito entre o padroado português do Oriente e a congregação papal da Propaganda Fide, criada em 1622.

Como é geralmente sabido, o padroado do Oriente surgiu no início do século XVI quando Roma concedeu aos reis de Portugal o direito de padroado sobre todas as sés da Ásia, exercendo-se esse padroado através do arcebispo de Goa<sup>(14)</sup>.

Em 1622, porém, sob pressão de várias potências europeias anti-ibéricas, a Santa Sé criou a Propaganda Fide encarregando-a de superintender a evangelização e as novas dioceses situadas para além do domínio ultramarino português e espanhol. Era evidente que disto não podia resultar outra coisa senão uma sucessão de problemas e foi o que aconteceu. De facto, a igreja católica indiana de fidelidade goesa considerava que toda a Ásia era potencialmente território do padroado, quer houvesse capitães da coroa portuguesa nas imediações quer não. Mais, considerava que qualquer perda de soberania por parte da coroa portuguesa sobre territórios asiáticos (Ceilão ou Cochim perdidos para os holandeses no século XVII... ou a ilha de Bombaim para os ingleses) não implicava necessariamente a perda da soberania espiritual da Sé de Goa.

É claro que esta visão das coisas não era partilhada pela Santa Sé. Nem, aliás, por qualquer outro poder soberano na Europa. Em 1720, com pleno acordo das autoridades inglesas, a Propaganda Fide nomeou para bispo

<sup>(13)</sup>A expressão "estado de guerra" ("state of war"), bem como as correlativas "battlefield" e "battle ground", foram utilizadas pelo mais importante historiador do conflito, Ernest R. Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, pp. 254, 255, 305, respectivamente.

<sup>(14)</sup>Sobre a questão do Padroado e da Propaganda, ver, para além de Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Additamento às reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente*, 1858; M. de Sá, *The history of the diocese of Damauin*, 1924; Niceno de Figueiredo, *Pelo clero de Goa*, 1939; António da Silva Rego, *O Padroado Português do Oriente*, 1940 e *O Padroado Português do Oriente e a sua historiografia*, 1978; José Filipe Mendeiros, "Cunha Rivara e o Padroado Português no Oriente", 1982.

de Bombaim um representante do seu vigário apostólico junto à corte do Grão-Mogol em Agra (um dos sítios a que o padroado não chegava). A meia milha de mar entre Bandra e Mahim, que separava os católicos entre a soberania portuguesa e a inglesa, passou a separar também os fiéis do bispo de Goa dos do bispo de Bombaim, os do padroado e os da Propaganda.

Quando, após o período marata (1740-1770), os ingleses tomaram conta de toda a antiga Província do Norte, a Propaganda Fide considerou que soberania política e soberania eclesiástica deviam andar juntas e, em 1777 e 1779, pediu à coroa portuguesa para autorizar a transferência de Salsete e Caranjá para o vigário apostólico<sup>(15)</sup>. Não só Goa recusou como, dez anos depois, em 1789, os católicos de Bombaim conseguiram a restauração da jurisdição do arcebispo de Goa sobre a ilha. Bombaim voltava a ser "portuguesa", embora já não fosse portuguesa.

Em 1794, por pressão de parte dos católicos e da Companhia inglesa, teve início um peculiar sistema de dupla jurisdição episcopal da ilha de Bombaim: as quatro paróquias principais foram repartidas pelo padroado (arcebispo de Goa) e o vigário apostólico (bispo de Bombaim): para o padroado ficaram as paróquias de Nossa Senhora da Glória de Mazagão e N. S. da Salvação de Mahim de Baixo ou Dadar, para a Propaganda as de N. S. da Esperança, perto de Cavei, e S. Miguel de Mahim (a única das quatro igrejas que ainda existe, embora não com a forma que tinha nesta altura).

O padroado entrou no século XIX, o seu último século de existência, em clima de crise aguda: a revolução liberal ocorrida em Portugal e o desfecho favorável aos liberais da guerra civil conduziram ao rompimento das relações entre o governo português e a Santa Sé em 1833.

O eco deste rompimento levou cinco anos a chegar à Índia: em 1838, aproveitando o eclipse temporário da coroa portuguesa, o papa Gregório XVI publicou o breve *Multa praeclare* que excluía do padroado as dioceses de Cochim, Cranganor, Malaca, Meliapor e várias outras. O breve não se aplicava à antiga Província do Norte mas foi emitido um decreto papal via Propaganda, em Fevereiro de 1839, ordenando a passagem das igrejas de Salsete e Bombaim para o arcebispo de Bombaim.

<sup>(15)</sup>Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, pp. 77-78.

Em 8 de Outubro de 1838, seis meses depois da publicação do *Multa Præclare*, o arcebispo de Goa Santa Rita Carvalho<sup>(16)</sup> fez sair urna extraordinária Carta Pastoral na qual não só refuta os argumentos papais como, ao mesmo tempo, duvida da autenticidade do breve e recusa aceitar a sua aplicação. O clero indiano aderiu por toda a parte à posição de Goa. Os adversários colaram imediatamente a esta facção o nome de "clero goês", misturando na expressão a fidelidade ao arcebispo de Goa e o facto de muitos desses padres - mas não todos, longe disso - terem sido educados no seminário de Rachol, em Goa. A Propaganda, em Roma, chamou-lhes "Schismatici Goani"<sup>(17)</sup>... e assim começou a narrativa do "Cisma Goano".

Houve distúrbios em vários sítios da Índia católica, alguns de bastante gravidade, com paroquianos divididos entre padres do padroado e da Propaganda. No que respeita à ilha de Bombaim, a historiografia mais objectiva<sup>(18)</sup> mostra com suficiente clareza o empenhamento das autoridades britânicas em favor da aceitação do *Multa Præclare* e a sua hostilidade ao arcebispo de Goa, a quem se referem frequentemente como "a foreign prelate"<sup>(19)</sup>.

Os arcebispos de Goa intervieram pessoalmente em Bombaim com resultados catastróficos para os bispos da Propaganda e para a tranquilidade dos ingleses. Em 1853, por exemplo, chegou a Bombaim vindo de Macau o recém-nomeado arcebispo de Goa, D. Jerónimo José da Mata. Ao desembarcar, foi convidado a ir pregar à igreja da Glória em Mazagão onde foi recebido apoteoticamente. Depois, seguiu, como se fosse arcebispo, para Cavei, Curia, Taná, Bandra e outras igrejas de Salsete. Quando parou por alguns momentos em Mahim à espera de atravessar o braço de mar para Bandra, alguns paroquianos de S. Miguel, igreja que ficava (e fica) mesmo junto ao lugar de passagem, dirigidos por um dos párocos, tomaram conta da igreja em favor do padroado. Já depois

<sup>(16)</sup>Sobre o arcebispo, pode ver-se uma biografia sumária em Geraldo J. A. Coelho Dias, "Entre a Pátria e a Religião no tempo do Liberalismo: Dom fr. António de Santa Rita Carvalho". No entanto, este artigo não contém informações relevantes para a questão do "Cisma Goano". Sobre isso ver Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *O arcebispo de Goa e a Congregação de Propaganda Fide*, 1862.

<sup>(17)</sup>Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 315.

<sup>(18)</sup>Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 249 ss.

<sup>(19)</sup>Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 412.

de o arcebispo ter seguido para Goa deixando os católicos em polvorosa, o bispo de Bombaim Anastasius Hartmann reocupou a igreja... e ficou lá encerrado com 80 dos seus paroquianos. O edifício foi cercado pelos fiéis do padroado, as portas e janelas foram fechadas com tábuas e pregos, as autoridades inglesas puseram-se de permeio a tentar evitar o pior. A "revolta" arrastou-se durante duas semanas e terminou com a passagem da igreja para a jurisdição do padroado por decisão dos tribunais ingleses que assim interpretaram aquilo que julgaram ser a vontade da maioria dos paroquianos.

A reacção de Roma não se fez esperar. Três meses depois dos acontecimentos, o breve papal *Probe notis* de 9 de Maio de 1853 condenou o arcebispo de Goa e excomungou quatro padres nomeados como cabecilhas da "revolta de Mahim"<sup>(20)</sup>: António Mariano Soares, de Goa, Braz Fernandes, nascido em Bandra; Joseph De Mello e Gabriel da Silva, naturais de Mahim.

Ernest Hull e o padre Niceno de Figueiredo, contando esta historia mais de meio século depois, referem-se a estes padres como sendo "o que agora chamamos "Bombay East Indians" (Hull)<sup>(21)</sup> e "East-indians e do clero indígena" (Niceno de Figueiredo)<sup>(22)</sup>.

Os acontecimentos de Mahim foram a gota que fez transbordar o vaso. Toda a gente percebeu que se tinha ido longe demais: em 1857, o governo português e a Santa Sé assinaram uma primeira Concordata que restabeleceu uma relativa paz na Índia católica, incluindo na região de Bombaim, desde logo ao reintegrar na igreja os padres excomungados e ao separar claramente as jurisdições do bispo de Bombaim e do arcebispo de Goa.

Os problemas entre os católicos da ilha de Bombaim estenderam-se por vezes a Bandra e a um ou outro lugar de Salsete, embora nunca se tivesse registado aqui, e muito menos na região de Baçaim, uma divisão significativa, ficando a esmagadora maioria dos católicos do lado do padroado<sup>(23)</sup>.

<sup>(20)</sup>Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 439 ss. Sobre a "revolta de Mahim", ver também Silva Rego, *O Padroado Português do Oriente e a sua historiografia*, 1978, p. 192 ss.

<sup>(21)</sup>Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 458.

<sup>(22)</sup>Niceno de Figueiredo, *Pelo clero de Goa*, 1939, p. 257.

<sup>(23)</sup>Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 322.

Se a geografia da divisão é mais ou menos clara, já são muito mais fluidas e incertas a sua cartografia social, linguística e política.

Estas fluidez e incerteza manifestaram-se, por exemplo, nos acontecimentos da igreja da Salvação de Dadar, na ilha de Bombaim. A paróquia estava entregue ao vigário apostólico desde 1720 e passou para o controle do padroado durante a dupla jurisdição, a partir de 1794. Em 1813, quando o arcebispo de Goa suspendeu o pároco por razões circunstanciais, os paroquianos ameaçaram passar para a Propaganda de modo a mantê-lo<sup>(24)</sup>. Os ingleses aproveitaram a ocasião e deram a igreja ao bispo de Bombaim. Entre 1840 e 1848, este chegou a utilizar a Salvação como uma espécie de "catedral" própria<sup>(25)</sup>. Mas em 1850, conflitos constantes entre, por um lado, o padre, Braz Fernandes, oriundo de Bandra, acusado de irregularidades na gestão das contas da igreja, e, por outro, uma parte dos paroquianos e o bispo, levaram à demissão do pároco e a uma revolta de parte dos paroquianos: a igreja foi invadida pelos partidários de Braz Fernandes que se entrincheiraram lá dentro. A polícia inglesa interveio... e os "braz femandistas" entregaram a igreja outra vez ao arcebispo de Goa, com Braz Fernandes à frente.

Num relatório apresentado em 1883 à Comissão das Missões Ultramarinas portuguesa pelo seu vogal António Tomás da Silva Leitão e Castro, que conhecia muito bem a Índia, suspeita o autor de que muitos dos conflitos entre paroquianos do padroado e da Propaganda, que pareciam ser motivados em primeira instância por questões ideológicas, se deviam afinal às "contínuas desavenças dos fabriqueiros [das igrejas] com os fregueses e com o parócho, e de uns e outros entre si por causa dos bens, rendimentos e outros negócios da administração temporal..."<sup>(26)</sup>. Esta conclusão, carregada de bom senso, explicará provavelmente a grande maioria dos conflitos, mas a mais importante consequência que tiveram para aquilo que me importa aqui foi a progressiva agudização das desconfianças e animosidades entre católicos, que outras rivalidades, de casta e económicas, vieram potenciar e focalizar em volta de questões como a da designação nacional.

(24) Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 288.

(25) Flull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 409 ss

(26) Castro, *Relatório e proposta*, 1883, p. 8.

Em 1886 foi assinada a segunda e última Concordata entre Portugal e a Santa Sé. O seu resultado mais importante foi a criação da diocese de Damão, ou seja, o desligamento das paróquias da antiga Província do Norte do Estado da Índia em relação ao arcebispo de Goa e sua colocação sob a jurisdição espiritual de uma sé episcopal geograficamente situada no norte: em Damão (adaptando-se a antiga igreja dos jesuítas a Sé catedral) mas também - ou sobretudo - em Bombaim, onde o bispo de Damão passou a residir habitualmente, nas instalações que serviam os arcebispos de Goa na sua passagem por Bombaim, situadas em Colaba, bairro do extremo sul da cidade. O primeiro bispo de Damão foi D. António Pereira da Costa, um homem nascido em Santarém, em 1877, e que aí foi acabar os seus dias, ido de Bombaim, em 1900.

Quando o segundo bispo de Damão, D. Sebastião José Pereira, faleceu, em 1925, na residência episcopal de Colaba e foi sepultado na igreja de N. S. do Monte (Mount Mary) em Bandra, o seu "rival", o bispo de Bombaim Goodier, insistiu com Roma para que acabasse, enfim, o padroado português do Oriente e a sua última instituição: a diocese de Damão. Roma estava inclinada para tal devido à proclamação da república em Portugal, em 1910, como sucedera anteriormente com a Restauração de 1640 ou a revolução liberal de 1820-1834, momentos históricos diferentes, mas todos marcados pelo desalinamento da política portuguesa relativamente ao papado.

Nesse mesmo ano de 1925, a diocese de Damão, tentando impedir o desenlace que se adivinhava, fizera publicar e distribuir em Roma no quadro da Exposição Universal das Missões do Ano Santo de 1925, um álbum de textos e imagens sobre a sua actividade e a região de Bombaim, que já citei várias vezes ao longo deste artigo e constitui das fontes mais importantes para a história desta região nos períodos moderno e contemporâneo: *In the Mission Field*. O livro procurava demonstrar a vitalidade e necessidade da diocese de Damão mas acabou por representar o último suspiro do padroado.

Em 1928, um acordo entre a Santa Sé e o governo português resultou na revisão da Concordata, no fim da dupla jurisdição, do bispado de Damão e do padroado português do Oriente, quatrocentos anos depois da sua criação. Em Bombaim e na sua região, todos os católicos passaram a estar sob a jurisdição eclesiástica de um bispo não "português".

A decisão foi saudada pela Bombay East Indian Association, a organização daqueles bombainenses que, meio século antes, se chamavam a

si próprios "portugueses de Bombaim". A Associação tinha conduzido, durante os anos anteriores, uma campanha sistemática pelo fim do padroado<sup>(27)</sup>.

Quando, em 1853, o bispo de Bombaim, Hartmann, perdera a igreja de S. Miguel de Mahim para o padroado devido à intervenção do arcebispo de Goa e de parte dos paroquianos, fizera construir a igreja de Nossa Senhora das Vitórias, uma designação portuguesa, tendo anexa uma escola portuguesa<sup>(28)</sup>. Na década de 1850, até os bispos da Propaganda falavam português na sua acção pastoral em Bombaim.

Ou seja, em quarenta anos apenas, entre cerca de 1850 e cerca de 1890, o sector com mais presença pública dos "portugueses de Bombaim" deixou de se identificar com a designação portuguesa e, nos vinte a trinta anos seguintes, arrastou consigo a generalidade dos católicos de Bombaim para a oposição ou a neutralidade em relação ao padroado.

Vejamos algumas causas deste processo de desagregação e recomposição.

## Os portugueses de Bombaim e os outros portugueses

Em Janeiro de 1858, um ano depois da primeira Concordata ter vindo deitar muita água na fervura do conflito padroado / Propaganda, foi impresso numa tipografia de Kalbadevi Road, em Cavei, o primeiro número da primeira série de *O Patriota*, um jornal publicado em português e inglês que saiu até 1882, destinado à "classe portuguesa nativa de Bombaim" e "dedicado ao desenvolvimento das cousas do paiz e adiantamento dos habitantes, os chamados Portuguezes [...] ou Christãos Nativos".

*O Patriota* foi o jornal mais importante dos "Bombay Portuguese".

Indirectamente, o jornal explicava o que é que queria dizer a palavra "portugueses": "A nossa linguagem, já se sabe, será pobre e singela... será talvez inglezada, porque ainda que trazemos o nome de Portuguezes,

<sup>(27)</sup>De Mello, *Some materials for a history of the Bombay East Indian Community*, 1937, pp. 24-25 fala de "mass meetings" contra o Padroado em Bombaim, Andheri, Baçaim, entre 1921 e 1928, mas é preciso dar o devido desconto à propaganda (e à Propaganda).

<sup>(28)</sup> Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 482.

e fazemos muito de o termos, somos quasi em tudo inglezes, exceptuando a nossa crença".

Ser português era, portanto, para os "Bombay Portuguese", uma questão de crença religiosa e de língua.

O *Patriota* revelava também, para quem o soubesse entender, o significado do seu nome: "Tão bom patriota foi o Sr. Miguel de Lima e Souza á testa de Milicias dos filhos de Bombaim e Mahim, como os outros Senhores de Cavei, Grigão, Mazagão, S. Miguel, Cassabé e Salvação nos seus postos subalternos". Miguel de Lima e Sousa foi um dos membros da família dos Sousa (ou Lima) de Mazagão, descendentes dos proprietários originais dessa aldeia no século XVI. Os Lima e Sousa eram os proprietários portugueses socialmente mais qualificados da ilha de Bombaim, como tal reconhecidos tanto pelas autoridades britânicas como pelas portuguesas. No século XIX, os governadores ou altos funcionários da administração goesa ficavam frequentemente alojados em casa dos Sousa ou eram por eles recebidos cada vez que vinham a Bombaim<sup>(29)</sup>. As "milícias dos filhos de Bombaim e Mahim", por seu lado, eram os corpos de polícia organizados pela East India Company a que já fiz referência. Deste modo, a palavra "patriota" era utilizada pelo jornal a meio caminho entre o patriotismo contemporâneo, aqui traduzido na fidelidade à Inglaterra, e o patriotismo no sentido antigo do termo: o da terra natal como pátria (Bombaim neste caso).

Ter-se-á notado que os termos utilizados pelo *Patriota* reflectem subliminarmente a existência de um conflito: o jornal refere os "outros senhores", para além dos Lima e Sousa, nos seus "postos subalternos", para dar a entender que havia mais "patriotas" para além dos fidalgos (ou seja, os brâmanes em termos indianos); havia também "patriotas" que não eram de casta tão alta.

O *Patriota* interrompeu a publicação durante 5 anos e quando apareceu a segunda série, em 1863, o orgulho destes "portugueses de Bombaim" não-"fidalgos" tomou-se francamente mais assertivo: "Somos filhos desta terra e de gema, e isto he quanto basta para entitularmos Patriota, embora os nossos progenitores não tenham tido por avoengos duques e condes"<sup>(30)</sup>.

<29> Ver por exemplo a visita de Cunha Rivara em trânsito para Goa: *De Lisboa a Goa*, 1856, p. 57.

mO *Patriota* de 7 Abril 1866.

A lista de subscritores do primeiro número da segunda série apresenta à cabeça dois Lima e Sousa, Miguel e João, residentes em Byculla, a área de Bombaim para onde se deslocaram os habitantes mais prósperos de Mazagão à medida que a parte ribeirinha da velha aldeia foi desaparecendo para dar lugar às instalações portuárias<sup>(31)</sup>. A grande maioria dos subscritores não eram "fidalgos" como os Lima e Sousa. Viviam em grande número em Mazagão e Grigao<sup>(32)</sup> e, ao afirmarem-se, por via de *O Patriota*, procuravam operar uma demarcação muito importante.

Demarcavam-se dos goeses, a quem *O Patriota* chama os "fidalgos goanos", "essa casta sempre ingrata" (*O Patriota*, 7 de Setembro de 1867).

Embora a questão não esteja estudada devidamente, sabe-se que os goeses foram um dos contingentes migratórios que mudaram a composição étnica da população da região de Bombaim a partir da década de 1850. Ora, parece-me que a migração goesa constituiu factor decisivo na crise de "identidade" que foi fatal aos "Bombay Portuguese". Para esse destino pode ter contribuído de modo nada despreciando um dos goeses migrantes, e dos mais ilustres: Gerson da Cunha (1844-1900), intelectual notável, daqueles que só o século XIX soube produzir, orientalista respeitado nos mundos de língua inglesa e portuguesa na Índia e na Europa, verdadeiro pai dos estudos bombainenses.

Gerson da Cunha chegou a Bombaim cerca de 1860. Eis como descreveu aquilo que viu suceder em Cavei, uma importante área habitada maioritariamente por católicos, completamente absorvida pela "Native Town" e hoje integrada no centro da cidade (área de Kalbadevi):

"Cavei é o nome de uma aldeia que em tempos cobria toda a área que agora está dividida pela Kalbadevi Road em Cavei propriamente dita e a velha Hanuman Lane. Esta antiga aldeia era habitada quase exclusivamente

<sup>(31)</sup>Da velha Mazagão não resta quase nada. À cota alta, existe ainda parte de um pequeno bairro subsidiário da velha aldeia, conhecido como Mattarpakadi. Desapareceu já a parte baixa onde estava a casa grande dos Sousa, a igreja de N. S. da Glória, a rua da igreja e o essencial da aldeia. A informação cartográfica, iconográfica e bibliográfica que permite chegar a esta conclusão será disponibilizada oportunamente pelo projecto BBB.

<sup>(32)</sup>*O Patriota*, 7 Setembro 1867. Outros subscritores residiam em "Doby Talão", "Matharpacary", "Grant Road", "Cavei", na "cidade" (ou seja, no antigo forte), "Marine Stores", "Agiary Lane", "Calcadevy", "Mahim", "Orta Baixa" (um subscritor), "Tanna" (um subscritor), "Bandora", "Umbercary".

pela tribo aborígene dos Kolis que foram convertidos pelos portugueses e ligados à igreja paroquial na 'Esplanade' [a zona 'non aedificandi' estabelecida pelos ingleses ao redor das muralhas de Bombaim] com o seu cemitério, que já não existem. Em 1860, quando lá fui pela primeira vez<sup>(33)</sup>, Cavei era o centro da maior comunidade católica romana na ilha [de Bombaim], e a sua dimensão aumentava todos os anos com imigrantes de Baçaim, Salsete, Damão e Goa<sup>(34)</sup>. Desta comunidade provinham os empregados de escritório e criados de servir da cidade [...]. Desde então, Cavei foi invadida e, devido ao poder do dinheiro, está quase completamente ocupada pelos Vânia [a 'jāti', ou casta maior, dos comerciantes], que substituíram as velhas moradias arejadas com os seus cruzeiros e jardinzitos por enormes edifícios disformes, sem luz e ar, viveiros de futuras epidemias"<sup>(35)</sup>.

Por incrível que pareça, uma pequena parte de Cavei sobreviveu até hoje e ainda é habitada por católicos: é conhecida como bairro de Kottachiwadi e tem sido objecto do interesse de todos aqueles que se preocupam com a conservação dos traços do passado histórico de Bombaim. As casas de Kottachiwadi são exactamente do mesmo tipo daquelas que se podem ver e visitar em alguns outros bairros - restos de antigas aldeias - na cidade de Bombaim, e em muitas áreas de subúrbio até uma centena de quilómetros a norte da cidade, pela antiga ilha de Salsete e pelo território de Baçaim acima. Trata-se de habitações de dois pisos construídas em pedra ou tijolo, em geral habitadas por duas famílias, com varandas e escadas de madeira colocadas no exterior de modo a assegurar a cada andar comunicações autónomas (il. 1). Alinham-se ao longo de ruas estreitas, limpas e cuidadas e, nas áreas mais desafogadas fora da cidade, têm de facto pequenos jardins à frente e atrás.

<sup>(33)</sup>É nesta informação que me baseio para supôr que Gerson da Cunha tenha chegado a Bombaim, vindo de Goa, cerca de 1860.

<sup>(34)</sup>Temos registo da presença de goeses em Cavei desde o final do século XVIII: em 1783 um tal John Barreto, goês, criou junto à igreja católica de Cavei a primeira escola em língua portuguesa da cidade de Bombaim, que ficou conhecida como Escola Portuguesa dos Barretos. O vigário ensinava português, o padre da igreja de Nossa Senhora da Glória em Mazagão ensinava latim e um padre inglês ensinava a sua língua materna. A escola manteve-se até 1886 graças a dinheiros de descendentes da família que fizeram fortuna em Calcutá. Ver *In The Mission Field*, 1925, pp. 181-241, 208 ss.

<sup>(35)</sup>Gerson da Cunha, *The Origin of Bombay*, 1900, pp. 7-8.

São um tipo de casa e implantação urbana absolutamente característicos das comunidades católicas da região metropolitana de Bombaim, mas o estado da investigação não permite ainda estabelecer desde quando isso sucede e se existem ou existiram outros grupos populacionais com o mesmo género de cultura material e urbanística.

Em Kottachiwadi vivem hoje descendentes de goeses e de católicos originários da região de Bombaim. É o que resta de Cavei que, na altura em que Gerson da Cunha conheceu o bairro, não estava a ser ocupado apenas pelos Vânia de quem ele não gostava. Muitos dos novos migrantes eram goeses (aliás, Gerson da Cunha foi provavelmente um deles)<sup>(36)</sup>.

A chegada a Bombaim de cada vez mais goeses, sobretudo de castas mais baixas, levou ao aparecimento de jornais em concani<sup>(37)</sup>, a língua popular de Goa e da costa do Concão, ao lado de uma próspera imprensa em português para gente mais abastada que chegou a atingir dezenas de títulos<sup>(38)</sup>. Talvez mais importante do que a imprensa para a sedimentação de uma ideia comunitária entre os goeses de Bombaim e para a sua ligação aos goeses de Goa foi o surgimento do teatro em concani. Este teatro, absolutamente estruturante para a cultura popular goesa,

<sup>(36)</sup>Um dos melhores testemunhos da importância que os goeses assumiram em Cavei, é o aparecimento no bairro de associações de língua e cultura portuguesas: em 1871, por exemplo, o goês José Camilo Lisboa fundou em Cavei o Grémio Lusitano (depois Real Instituto Luso-Indiano), do qual Gerson da Cunha foi membro: *In The Mission Field*, 1925, p. 311. Por arrastamento de uma tradição com um século e meio de existência, ainda hoje se situam na antiga Cavei, essencialmente na área de Dhobi Talao, os "kudd" (clubes) de embarcações e migrantes goeses de passagem por Bombaim. Muito decadentes perante a concorrência de formas de alojamento mais modernas e a deslocação para o norte, a zona dos aeroportos, das áreas de passagem pela cidade, estes clubes, organizados por migrantes das aldeias e vilas de Goa cujos nomes ostentam, ocupam ainda muitas salas de alto pé direito e vagarosas ventoinhas nos grandes edifícios "sem luz e ar" que Gerson da Cunha detestava.

07) *in The Mission Field*, 1925, p. 457.

<sup>(3s)</sup>o primeiro jornal goês em Bombaim foi *O Mensageiro Bombayense: 1831-1832* (*In The Mission Field*, 1925, p. 453); depois apareceram outros: *O Investigador Portuguez* (1835-37); *O Pregoeiro da Liberdade* (1836-46); *O Indio Imperial* (1843-44); *Echo Portuguez* (1873-74), *O Anglo-Lusitano* (1886-?), *O Portuguez Britânico* (1891-?) etc. (*In The Mission Field*, 1925, p. 455 ss). Até 1873, toda a imprensa goesa era em português. Depois passou a ser em português e inglês. (*In The Mission Field*, 1925: "The Catholic Press in India", pp. 451-464).

não apareceu em Goa. Apareceu em Cavei. A primeira peça de teatro concani foi estreada em 1892 em Cavei. O primeiro argumento original em concani intitulava-se "Sundori Cavelchi" (A Beldade de Cavei) e foi escrito em 1895. Os goeses de todas as castas que habitavam na cidade, tanto em Cavei como noutras antigas aldeias católicas transformadas em bairros, com destaque para Mazagão, mobilizavam-se em peso para as representações que tinham lugar nos teatros das escolas onde se ensinava em língua portuguesa. Parte do público vinha dos clubes goeses de Dhobi Talao<sup>(39)</sup>.

A presença crescente de goeses na região metropolitana de Bombaim criou graves conflitos com os "Bombay Portugueses".

Uma autora da década de 1960 identificada com os east-indians, Elsie Baptista, afirmou: "Meia dúzia de anos após terem aparecido os Sheppard Steamers ou os 'Haji Kassamwallas', como eram popularmente conhecidos, começou a chegar de Goa uma corrente contínua de emigrantes que também eram conhecidos como 'Cristãos Portugueses'. Ao chegarem a Bombaim, escreve Baptista, os goeses vieram tomar conta dos empregos que a administração inglesa até aí reservava para os católicos do norte"<sup>(40)</sup>.

Esta mesma informação foi retomada, mais recentemente e com outra ambição historiográfica, por Teresa Albuquerque, segundo a qual os "Cristãos de Salsette" consideravam "degradante" aceitar "profissões menores" mas ficavam ressentidos quando os seus colegas católicos, goeses e mangalorianos (os católicos de Mangalore, a sul de Goa), obtinham facilmente "empregos de colarinho branco". Deste modo, teria sido numa tentativa de reterem para si mesmos "os privilégios que tinham monopolizado", que os "Cristãos de Salsette pediram formalmente à Rainha Victoria na ocasião do seu Golden Jubilee [1887] que lhes permitisse utilizar a designação East Indians que os marcaria como os primeiros apoiantes dos Britânicos..."<sup>(41)</sup>.

A imprensa goesa, por um lado, e O *Patriota*, por outro, contém inúmeros sinais de um enfrentamento cada vez mais agressivo entre

<sup>(39)</sup>James, "Tiatr: un unlimited engagement", 2006.

<sup>(40)</sup>Elsie Baptista, *The East Indians*, 1967, p. 25.

<sup>(41)</sup>Albuquerque, *To love is to serve* 1986, p. 8; para um mesmo ponto de vista mas mais substanciado ver Albuquerque, "Education in 19<sup>th</sup> century Bombay: indo-portuguese contribution", 2001.

gente de Goa e de Bombaim. Mais grave foi quando esses sinais passaram para o campo da literatura historiográfica.

Nas duas últimas páginas do seu livro *Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein*, publicado em Bombaim em 1876, Gerson da Cunha faz algumas observações profundamente desagradáveis acerca da "raça dos cristãos nativos de Baçaim". Não corre nas suas palavras apenas o racismo convicto e "positivo", característico de muito do saber do século XIX. Há também ódio, talvez provocado por polémicas que o envolveram pessoalmente e que não conheço. Uma das suas frases vai ao coração do problema que o presente artigo debate: "The race of the native Christians of Bassein is well known to us. The title of Portuguese - for it is but a title - assumed by them is both ethnologically and politically incorrect".

Gerson da Cunha apropria-se da designação portuguesa e nega-a aos "Bombay Portuguese". As razões que avança para isso são terríveis: os católicos originários de Bombaim são, diz ele, uma mistura de kolis e bhandaris com "bastard offspring of such heterogeneous elements as a European soldier and a low-class native woman - for no high-class woman would marry him...". São "ignorantes", "sem qualquer talento". Os ocasionais "panfletistas" que aparecem entre eles (talvez uma referência aos redactores de *O Patriota*) escrevem "excessively bad English and worse Portuguese". E por aí fora. Custa ler aquilo que o notável erudito goês escreveu e podemos imaginar o impacto causado por estas coisas, publicadas no mais importante livro sobre a história da região de Bombaim até então disponível.

Em 1927, no seu *Bandra: its Religious and Secular History*, o historiador Braz Fernandes, de urna família de Salsete (Bandra), que encontrámos já várias vezes ao longo deste artigo, deixou a sua resposta a Gerson da Cunha também impressa em livro, ostracizando-o depois de morto: citando um passo do autor goês em que este procurava ridicularizar os cristãos de Baçaim e os seus rituais, por serem uma mistura de cristão e hindu, escreve que Gerson da Cunha "se tomou ridículo aos olhos do Mundo Cristão" e "não merece qualquer lugar na comunidade"<sup>(42)</sup>.

<sup>(42)</sup>*Bandra: its Religious and Secular History*, p. 32. Braz Fernandes foi, depois de Gerson da Cunha, o mais importante historiador não só da Província do Norte portuguesa, como da região de Bombaim pré-colonial e colonial. É o segundo pai dos estudos bombainenses.

Os goeses residentes em Bombaim não perdiam uma oportunidade de afirmar o seu portuguesismo (o que não podia deixar de afastar deste "portuguesismo" quem não gostava deles): identificavam-se através dos seus múltiplos clubes e sociedades e dos seus muitos jornais, enquanto "a comunidade portuguesa" e "os portugueses de Bombaim" por excelência; cantavam, quando se reuniam, o hino da Carta; arvoravam, sempre que podiam, a bandeira azul e branca com as quinas<sup>(43)</sup>.

A partir de 1857, tomaram a dianteira da oposição à Concordata, mostrando-se mais anti-papistas que o governo português: em 3 de Maio de 1863 teve lugar em Cavei um grande "meeting" contra aqueles que "nam queriam que os Catholicos em geral de Bombaim tivessem o coração portuguez". Neste "meeting" do qual o cônsul de Portugal Braz Fernandes, pai do futuro historiador, foi expulso por defender a posição do governo português, estava "a flor da aristocracia portuguesa em Bombaim, todos Alustrados e com brio e sentimento portuguezes"<sup>(44)</sup>.

Até à extinção do bispado de Damão, o padroado procurou construir uma narrativa de unidade dos católicos do norte e procurou agir praticamente em favor dessa unidade, passando por cima de todos os conflitos entre east-indians e goeses como se tais conflitos não existissem ou tivessem pouca importância. Mesmo à beira do fim, em 1925, o livro *In the Mission Field* constitui um discurso articulado de demonstração dessa unidade. Um dos autores do livro descreveu do seguinte modo o "mapa étnico" dos católicos da cidade de Bombaim: "A comunidade católica de Bombaim é composta de Europeus, Anglo-Indianos, East-indians, Goezes e Mangaloreanos. Estão sujeitos a duas jurisdições eclesiásticas, a Propaganda e o Padroado, pertencendo à Arquidiocese da Propaganda de Bombaim os Europeus, Anglo-Indianos, Mangaloreanos e alguns East-indians e à do Padroado de Damão os Goezes e a maioria dos East-Indians"<sup>(45)</sup>. Como se percebe, sob jurisdição da Propaganda só estariam ingleses, tanto europeus como europeus casados com indianas, católicos de Mangalore, e uma minoria de east-indians.

<sup>(43)</sup>Ver *Discursos recitados na ocasião da inauguração e nas sessões publicas e solemnes dos anniversarios da Sociedade dos Amigos das Letras seguidos d'un summario dos seus relatórios*, 1872.

<sup>(44)</sup>Jornal *O Portuguez em Bombaim* de 2.4.1863 e 27.5.1863.

<sup>(45)</sup>H *the Mission Field*, 1925, p. 89.

À Bombay East Indian Association convinha demonstrar o contrário, ou seja, que existia uma divisão dos católicos em dois campos de igual dimensão (pelo menos). Enquanto os autores de *In the Mission Field* se mantêm prudentemente nas afirmações gerais no que respeita a quantos católicos estavam de cada lado, John De Mello dá o número dos católicos existentes na área metropolitana de Bombaim entre 1887, ano de criação da associação de east-indians, e 1937, não distinguindo quais estavam sob jurisdição do Padroado e da Propaganda, antes dando a entender que eram todos como que sócios da Bombay East Indian Association...<sup>(46)</sup>.

Os dois pontos de vista -ea correlativa fundamentação ou des-legitimação da designação de "portugueses" aplicada aos católicos do norte - dependiam de um debate no terreno da história, como era característico da modernidade em geral e do século XIX em particular. No caso, tratava-se de estabelecer se, no período em que os maratas tinham ocupado parte substancial da antiga Província do Norte, entre 1740 e 1770 (ou 1790, dependendo dos sítios), se quebrara ou não a ligação entre as comunidades católicas dessas regiões e a sede arquiépiscopal em Goa.

Os intervenientes neste debate julgavam estar em jogo a própria identidade dos católicos do norte: tratava-se ou não de católicos "portugueses", desde sempre continuamente ligados a Goa?

A questão tinha sub-tópicos de importância: se o catolicismo fora mantido durante o período marata, quem fora responsável por isso: o clero nativo do norte que provinha organicamente, familiarmente, das comunidades de católicos "nativos"? Ou o clero goês? Se, pelo contrário, os maratas interromperam o culto católico no norte, quem o restabeleceu: o clero da Propaganda, chegado logo após a derrota dos maratas, transportado nos braços paternais das autoridades britânicas? Ou o clero "português" apressadamente vindo de Goa?

As fontes históricas de que dispunham aqueles que intervieram na polémica eram os textos do geógrafo jesuíta Tiefenhaller e do viajante francês Anquetil du Perron que passaram por Baçaim e Salsete no período marata, respectivamente em 1750 e em 1760. Mas esses textos não

<sup>(46)</sup>De Mello, *Some materials for a history of the Bombay East Indian Community*, 1937, p. 3 ss. Em 1887, os números seriam: Cavei e Umarkhadi, 3500. Mazagao e Byculla, 1000. Mahim, Dadar, Worli e Sion, 6000. Bandra, 15000. Kurla, 3500. Salsete rural, 35000. Juhu, 1000. Santa Cruz, 2000. Vile Parle, 3000. Tana, 3500. Baçaim e Virar, 25000. Uran, 2000.

suscitaram unanimidade - antes pelo contrário - entre os historiadores das comunidades católicas da área de Bombaim: para Hull, tanto o alemão como o francês demonstravam, sem margem para dúvidas, que os maratas expulsaram todos os padres "portugueses" (goeses) do norte e autorizaram a continuação do culto católico em algumas paróquias, ficando esse culto entregue a párocos locais<sup>(47)</sup>. Já o historiador da diocese de Damão, M. D'Sá (1924), deduziu, igualmente sem franzir o sobrolho, que, para Anquetil du Perron, foram padres goeses que ficaram nas paróquias durante o período marata<sup>(48)</sup>.

Em 1925, o livro *In the Mission Field* conclui, para satisfazer toda a gente, que a "preservação da cristandade na Província se deve ao esforço do clero secular de Baçaim e Salsette", tendo Goa "fornecido uma legião de padres [a host of priests] que, sob inconcebíveis dificuldades e perigos tomaram conta das igrejas dos seus antepassados"<sup>(49)</sup>.

O historiador Braz Fernandes aceitou a ideia de Hull em geral ("O clero português retirou para Goa e a missão em toda a ilha [de Salsete] foi abandonada") mas desmentiu-a implicitamente quando a pesquisa que levou a cabo em Bandra, baseada em fontes novas e fidedignas, os registos paroquiais, lhe permitiu escrever que a igreja de Santo André teve padres continuamente, tanto locais como goeses, durante todo o período marata, havendo até nomeação de vigários pelo arcebispo de Goa!<sup>(50)</sup>

É melhor conhecida, e com dados mais recentes, a história daquilo que sucedeu na aldeia de Korlai, perto de Chaul, a sul de Bombaim, longe dos conflitos entre padroado e Propaganda, longe da cidade e da revolução industrial, onde ainda hoje se fala um crioulo português<sup>(51)</sup>.

<sup>(47)</sup>Hull, *Bombay Mission-History*, 1927, p. 76.

<sup>(48)</sup>Sá, *The history of the Diocese of Damaum*, 1924, p. 63.

<sup>m</sup>*In the Mission Field*, 1925, p. 41.

<sup>(50)</sup>Braz Fernandes, *Bandra: its Religious and Secular History*, 1927, pp. 25, 36-37. Só não houve vigário nos primeiros nove anos a seguir à conquista marata entre 1740 e 1749. Neste último ano, um velho pároco tomou conta do lugar. Morreu logo a seguir, mas foi imediatamente substituído por um padre goes, nomeado pelo arcebispo de Goa.

<sup>(51)</sup>A melhor obra sobre a história de Korlai é Clemens, *The genesis of a language*, 1996, ver p. 12 ss. Com referências em nota à documentação publicada em Meersman, *Annual Reports*, 1972, pp. 216-218.

Apesar da queda de Chaul em poder dos maratas em 1740, os padres franciscanos que asseguravam o culto na igreja mantiveram-se sempre na aldeia, mesmo sob o domínio marata. A permanência do clero explica a sistematização do crioulo (cuja origem, bem entendido, é a formação da comunidade católica no século XVI e a utilização da língua portuguesa como língua de culto católico). O contacto com falantes de português foi reactivado entre 1890 e 1920 quando os padres encarregados da igreja na altura, que eram goeses, trouxeram para a aldeia mulheres da aldeia de Pilerne em Bardez, província de Goa, aparentemente da mesma casta que os habitantes de Korlai. Na década de 1970, os moradores de Korlai auto-designavam-se "Portuguese" e ainda hoje chamam à sua língua "Portuguese" ou "Pure Portuguese"<sup>(52)</sup>.

Ou seja, a permanência do culto durante o período marata implicou a manutenção de contactos com Goa que, no século XIX, se estenderam à miscigenação com goeses. É muito provável que se tenha passado coisa semelhante por todo o norte.

Mais recentemente, a partir da década de 1960, surgiu uma narrativa ideológica nova, difundida sobretudo entre a comunidade de east-indians envolvida numa luta muito complexa pela sobrevivência do seu modo de vida e das suas tradições. Esta narrativa foi impulsionada em 1967 com a publicação de uma tese em antropologia: Elsie Baptista, *The East Indians, Catholic community of Bandra, Salsette end Bassein*, um livro que já referi, no qual a autora procura quebrar qualquer ligação histórica entre os east-indians e o colonialismo português ou o arcebispado de Goa. Segundo ela, quando os portugueses chegaram à região de Bombaim no século XVI já haveria aí cristãos, não os cristãos de rito sírio-malabar de

<sup>(52)</sup>Clemens, *The genesis of a language*, 1996; todavia, lackson, in Tavares de Mello, *Folclores Ceiloneses*, pp. 37-43 afirma, sem avançar qualquer argumento, que o crioulo de Korlai não era identificado como português pelos habitantes até chegarem à aldeia a arqueóloga alemã Mitterwallner no início da década de 1960 e L. Theban, um linguista romeno, em 1973. No entanto, noutros textos, Jackson refere-se ao crioulo dos "burghers" de Batticaloa em Ceilão, onde ele próprio ouviu em 1975 canções que referem a língua em que são cantadas enquanto português (p. 18). O cingalês Pieris, em 1912, fala de "português baixo" como equivalente de crioulo português e diz que os falantes são "humildes profissionaes, em geral illetrados e pretos, que às vezes nem appellidos portuguezes possuem!... o próprio termo portuguez é applicado á mais baixa classe social - sapateiros, etc." (cit. lackson, 1998, p. 25).

Kerala, caso suficientemente conhecido e estudado, antes aqueles que o apóstolo S. Bartolomeu teria convertido em Taná no século I da era de Cristo. Seria esta a origem dos east-indians: não os portugueses, não os ingleses, o próprio Cristo através de um Seu apóstolo<sup>(53)</sup>.

### Arquitectura: uma certa neutralidade

Algumas igrejas da região metropolitana de Bombaim, construídas ou remodeladas no final do século XIX e no início do século XX, tanto por católicos afectos ao padroado como ao bispo de Bombaim, constituem testemunhos interessantes acerca do modo como esses católicos encaravam a sua relação com o problema da denominação portuguesa.

A história da arquitectura católica desta região e época está inteiramente por estabelecer. Limito-me, portanto, a algumas observações sobre o modo como os contemporâneos viam a tipologia e o estilo arquitectónico das igrejas<sup>(54)</sup>.

A partir de 1902, sob orientação directa do bispo de Damão, o português D. Sebastião José Pereira, "foram reconstruídas ou muito reparadas a maior parte das igrejas e capelas da Diocese e foram erguidas várias igrejas novas", como orgulhosamente proclamou o pároco de Nossa Senhora da Glória de Mazagão, escrevendo em *In The Mission Field*<sup>(55)</sup>. A lista dos edifícios novos e "reparados" é de facto extensa<sup>(56)</sup>, mas houve dois que

<sup>(53)</sup>Esta ideia continua a ser sustentada nos sítios-web dos east-indians.

<sup>(54)</sup>Está em curso de publicação um artigo meu sobre a arquitectura das igrejas católicas de Bombaim no início do século XX que aprofunda alguns dos assuntos aqui tratados: "Two (and a few other) Bombay churches: issues of architecture and identity", *Mumbai Reader*, n. 2,2007.

<sup>(55)</sup> *In The Mission Field*, 1925, p. 57.

<sup>(56)</sup>Igrejas construídas de novo (optei por conservar aqui a designação das igrejas e localidades tal como aparecem no texto de *In The Mission Field*): Holy Cross em Parel, Our Lady of Dolour em Sonapur, St. Joseph em Vikroli, St. Anthony em Vankola, St. Francis Xavier em Guiriz, St. Peter em Koliwada, Holy Cross em Matheran, St. Peter em Amalia, N.S. do Mar em Aldea-Mar. Igrejas "reparadas ou renovadas": St. John the Baptist em Tanah, N.S. da Salvação em Dadar, St. Michael de Mahim, N. S. do Mar de Utan, N. S. de Belem em Dongrim, St. Thomas de Bassein, Holy Ghost de Nandakal, N.S. do Egipto de Koly-Kalian, N. S. de (sic) Saude de Sar (pp. 57-58). A verificação feita

mereceram menção especial da imprensa e dos autores católicos em geral: as novas igrejas de Nossa Senhora do Monte, em Bandra (1904) e de Nossa Senhora da Glória em Byculla (1911-1913). Trata-se de duas igrejas, explicitamente definidas como "góticas" pelos contemporâneos, que substituíram igrejas que hoje chamaríamos indo-portuguesas, construídas entre os séculos XVI e XVIII, a de Bandra situada exatamente no mesmo sítio, a outra situada em Mazagão e demolida com as obras do porto de Bombaim em 1912 (ilustrações 2, 3,4 e 5).

No caso de Bandra foi portanto o "clero goês", sob um bispo de origem europeia, que tomou a iniciativa de fazer demolir uma igreja antiga, construindo em seu lugar no estilo favorecido pela arquitectura religiosa dos ingleses em toda a Índia. Há notícia de que houve oposição à demolição, mas não sei que tenha sido publicado nada acerca do assunto, o que é pena porque poderia esclarecer melhor alguns dos problemas em debate neste artigo<sup>(57)</sup>.

A antiga capela do Monte foi desprezada em dúzia e meia de palavras por um dos autores de *In The Mission Field*: "estilo característico de edifícios deste tipo erguidos pelos Portugueses: sólidas paredes de pedra mas de resto sem valor artístico [inartistic]"<sup>(58)</sup>. Já Gerson da Cunha, trinta anos antes, classificara como sendo "de arquitectura muito vulgar" as igrejas dos arredores de Baçaim<sup>(59)</sup>.

A elite católica admirava, pelo contrário, a arquitectura monumental da Bombaim inglesa e em particular a catedral anglicana de St. Thomas, um edifício do início do século XVIII remodelado em estilo gótico, com a construção de uma torre que ficou famosa, entre as décadas de 1830 e 1860<sup>(60)</sup>.

nos lugares, permite afirmar que correspondem a edifícios quinhentistas ou seiscentistas alterados algumas igrejas que o pároco da Glória diz que foram feitas de novo.

<sup>(57)</sup>Alguns paroquianos argumentaram que a antiga capela era uma "reliquia da antiguidade" e a nova construção chegou a ser posta em causa (*In The Mission Field*, 1925, p. 305).

<sup>(58)</sup>*in The Mission Field*, 1925, p. 304.

<sup>(59)</sup>*Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein*, 1876, pp. 163,164, *passim*.

<sup>(60)</sup> Ver por exemplo o relato de Luís Miguel de Abreu da sua visita a Bombaim em 1871, apoiado pelo secretário do governo de Goa Cunha Rivara, no qual elogia a catedral de St. Thomas pela sua "esbelta architectura" e pelos mármore

No quadro dessa admiração pelas coisas inglesas e modernas de Bombaim, um dos autores de *In The Mission Field* entreteve-se a traçar o catálogo estilístico da Bombaim inglesa com óbvio entusiasmo: o High Court é "early English Gothic"; o Secretariat, gótico veneziano; a Universidade, de estilo gótico francês; a Town Hall tem uma fachada dórica; a estação de caminho de ferro na altura conhecida como Victoria Terminus é de estilo gótico medieval italiano; os Municipal Buildings são "early Gothic com maravilhosas esculturas Indianas em alto relevo"; o General Post Office é "Indo-Saracenic, mostrando a tendência presente para o revival da Arte Oriental"; o Museu Victoria and Albert em Byculla é no estilo da renascença italiana<sup>(61)</sup>.

Era esta a linguagem da crítica arquitectónica da época. Quando, entre 1902 e 1905, o bispo de Bombaim fez construir a sua nova catedral dedicada ao Holy Name of Jesus em Colaba, na antiga Woodehouse Road, o edifício foi descrito como "equivalente ao Early Decorated da arquitectura inglesa", tendo resultado da "acomodação do Gótico ás exigências do clima indiano" (naturalmente por ter enormes janelas que podem ser abertas ao longo e por cima das naves laterais)<sup>(62)</sup>.

Acresce que os ingleses, que a elite católica procurava imitar, ou não gostavam da arquitectura das igrejas indo-portuguesas, ou punham-na a par das coisas "exóticas". Nos "bazaars" de Bombaim, um observador inglês viu em 1882 "Hindoo temples, Mussulman mosques, Portuguese Christian churches, with quaint and curiously carved doors, and every sort of architectural curiosity"<sup>(63)</sup>, uma descrição rigorosamente paralela aquelas que ingleses e inglesas passeantes pela Native Town de Bombaim faziam dos "nativos" e que transcrevi no início deste artigo.

O adjectivo "quaint", que o dicionário de Webster traduz por "curioso, singular, original, exótico; gracioso, mimoso, graciosamente antiquado", é liberalmente utilizado pelo Gazetteer a propósito das portas indo-portuguesas de madeira esculpida da igreja de S. João Baptista de Taná, da fachada-retábulo de Santo André de Bandra, e de vários outros casos.

e mosaicos (p. 16), e a "opulência oriental" da "Livraria de David Sansoon", a hoje célebre David Sassoon Public Library (p. 19).

<sup>(61)</sup>JH *The Mission Field*, 1925, p. 86.

<sup>(62)</sup>*New (The) Church, House & School in Woodehouse Road*, ca. 1904, pp. 7, 9.

<sup>(63)</sup>Cit. Karkaria, *The Charm of Bombay*, 1915, p. 303.

O responsável pelo texto é de opinião que, com exceção desse exotismo enternecedor, as "igrejas cristãs nativas" são todas iguais<sup>(64)</sup>.

Já pensava o mesmo, em 1824, a sobrinha do bispo Heber que fez juntar o seu próprio relato de viagem ao do tio: as igrejas "são todas no estilo da arquitectura conventual vulgar no início do século XVII", observação absolutamente acertada ainda que equivalente a um encolher de ombros de desprezo no contexto da época em que foi escrita. O bispo, por seu lado, considerou as igrejas de Baçaim de "considerable size but all of mean architecture"<sup>(65)</sup>.

Leia-se ainda a sentença pronunciada acerca das igrejas da Gloria antiga, de Worli, de Mahim e de Bandra por um escritor parsi em 1920: "they are of no importance from the architectural point of view and have generally a sameness about them so peculiar to early Portuguese churches"<sup>(66)</sup>.

Neste ambiente cultural não há nada de paradoxal na vontade renovadora de párcos e comissões fabriqueiras na região de Bombaim. Temos notícia dessa vontade desde a década de 1860, quando por toda a parte na cidade e arredores se fazia sentir o vendaval do progresso moderno: são encomendados novos retábulos ou "restaurados" os antigos de modo a que "já não pareçam como se fossem do tempo de Mathusalem", escreve O *Patriota* a propósito da obra do vigário Nicolau da Silva em Santo André de Bandra<sup>(67)</sup>.

A característica estilística mais saliente das obras de remodelação extensa ou reparação pontual foi a tentativa de tornar mais góticos os alçados exteriores, sobretudo a fachada principal, e as torres, quando existiam, através da substituição de arcos de volta inteira por arcos apontados, introdução de pináculos, coruchéus e traçaria de vãos.

Todavia, nas áreas rurais ou piscatórias de Salsete e Baçaim, a construção de igrejas novas não imitou aquilo que sucedeu no Monte:

<sup>(64)</sup>*Gazetteer of the Bombay Presidency, Thana District*, 1882, p. 22.

<sup>(65)</sup>Heber, *Narrative of a Journey*, vol. III, 1828, pp. 86 e 90.

<sup>(66)</sup>Wa'cha, *Shells from the sands of Bombay*, 1920, p. 323.

<sup>(67)</sup>O *Patriota*, 21 de Abril de 1866. Em Santo André foram restaurados altares indo-portugueses do início do século XVIII, que ainda existem na igreja, e mandado fazer um altar-mor gótico, que também ainda se pode ver. O mesmo número de O *Patriota* noticia a construção de novos retábulos na Salvação, um deles pago pelo "senhor Bautista Quiñy de Varolim" (Worli) pelo preço de 2500 rupias e o outro pelo padre Braz Fernandes. O retábulo-mor custou 7000 rupias e foi pago por António Francisco Luís também de Worli.

na generalidade dos casos, os encomendadores e arquitectos optaram por igrejas de tipo tradicional, embora com vãos e coroamentos góticos.

Foi o que sucedeu em Bandra quando um grupo de paroquianos de Santo André decidiu criar uma paróquia própria sujeita ao vigário apostólico. Segundo Braz Fernandes<sup>(68)</sup>, os "lowest of the community" decidiram abandonar a paróquia e criar uma nova igreja. Construíram uma capela provisória em Koliwada, o bairro dos koli, dedicada a S. Pedro. A nova paróquia dividiu-se muito rapidamente com uma parte a querer voltar ao padroado. E foi o que fizeram em 1892, construindo-se a igreja de Nossa Senhora do Carmo em 1892-1894<sup>(69)</sup>. A documentação relativa à nova paróquia está toda escrita em português e os paroquianos descrevem-se a si próprios como "os Colles de Bandorá"<sup>(70)</sup>. A escolha dos construtores da igreja em matéria de tipo arquitectónico é significativa (ilustração 6): apesar dos vãos apontados góticos e das cúpulas das torres ou da decoração dos arcos do piso superior da fachada, elementos indo-sarracénicos, a igreja é evidentemente tradicional no seu tipo de nave única coberta de telhado muito inclinado, revestimento de reboco, fachada principal com torres, três portas para a nave e mais uma de cada lado correspondendo às torres. Além disso, o altar-mor foi trazido de uma igreja arruinada de Diu o que também constitui um laço estabelecido com a tradição, porque em muitas outras igrejas, a começar pela paroquial mais importante de Santo André de Bandra, o altar-mor foi feito de novo em estilo gótico.

De facto, foi excepcional a modernização das igrejas do Padroado levada até ao extremo da substituição do tipo tradicional, como sucedeu em Nossa Senhora do Monte.

Todavia, só as igrejas de Bandra - e a de Byculla, também gótica - mereceram destaque por parte da opinião publicada católica. Para tentarmos perceber porquê vamos recuar meio século e olhar outra vez para o jornal dos "Bombay Portuguese".

O número inaugural de *O Patriota* (Janeiro de 1858, recorde-se) publica uma estampa de arquitectura, mas não, como poderia esperar-se, de uma igreja católica ou "portuguesa". Trata-se antes de uma vista, não particularmente bem executada, da "nova igreja de S. João Evangelista em Colaba", ou seja da conhecida Afghan Church de Bombaim, iniciada

<sup>(68)</sup>Braz A. Fernandes, *Bandra: its Religious and Secular History*, 1927, p. 64 ss.

<sup>(69)</sup>Braz Fernandes, *Bandra: its Religious and Secular History*, 1927, p. 71.

<sup>(70)</sup>Braz Fernandes: *Bandra: its Religious and Secular History*, 1927, p. 124 ss.

em 1838-39 e consagrada nesse mesmo ano de 1858 como monumento aos militares do império britânico mortos nas guerras do Afeganistão<sup>(71)</sup>. O editorialista de *O Patriota* cita a propósito um "escritor inglês" perguntando o que diria esse escritor ao ver a nova igreja, ele que tinha escrito que a catedral anglicana de St. Thomas "fazia perder de vista todas as igrejas portuguesas de Bombaim, Tanna, Chaul e Bassein"<sup>(72)</sup>.

Deste modo, o jornal dos "portugueses de Bombaim" apropriou-se de um monumento inglês e declarou que este edifício faz "perder de vista" as igrejas portuguesas...

Talvez por isso, o segundo número do jornal (Março de 1858) inclui uma extensa reportagem (como diríamos hoje) realizada em Goa e ilustrada com uma estampa representando a fachada da igreja do Bom Jesus. O texto português é muito elogiativo deste e de outros edifícios de Velha Goa, mas esses elogios baixam acentuadamente de tom na parte inglesa do jornal. Por exemplo, enquanto em português, o jornal descreve com muitos adjetivos a Sé de Goa, o texto em inglês limita-se a classificar o edifício como "spacious [...] with its extensive choir, ample galleries and numerous windows", desculpando-se mesmo assim por isto não ter nada de notável [remarkable] para um leitor Europeu "who must have seen greater edifices and finer things in his motherland".

Deste modo, parece-me ser de concluir que só dentro da "comunidade", fosse ela east-indian ou goesa, se sentia orgulho pela arquitectura que hoje chamamos indo-portuguesa. Fora dela - e sobretudo para fora dela - o clero católico e os seus porta-vozes não apreciavam especialmente exibir essa arquitectura, preferindo apresentar uma face moderna. Foi provavelmente por essa razão que se decidiu fazer em gótico a igreja do Monte em Bandra, então como hoje a mais popular e frequentada de todas as igrejas católicas da região de Bombaim.

<sup>(71)</sup>A torre que aparece por completar no desenho só foi dotada do competente coruchéu em 1865. Gerson da Cunha, *The History of Bombay*, 1900, p. 365.

<sup>(72)</sup>Este "escritor inglês" é indentificado no número 2 de *O Patriota* com Carsten Niebuhr, um viajante dinamarquês que esteve em Bombaim entre 1763 e 1764, e publicou *Voyages en Arabie* em 1774-78. Mas Niebhur só diz mal da igreja de St. Thomas (cit. Karkaria, *The Charm of Bombay*, 1915, p. 310). A verdadeira fonte da notícia de *O Patriota* poderá ser um número da *Bombay Quarterly Review* referido por Gerson da Cunha (*The History of Bombay*, p. 353) no qual um autor que Gerson da Cunha não nomeia teria dito que St Thomas eclipsa as igrejas de Calcutá e Madrasta e as igrejas católicas portuguesas de Bombaim.

Já no que respeita a Nossa Senhora da Glória, os construtores da igreja lidaram de um modo mais complexo com a encomenda. Por um lado, o novo edifício vinha evocar a memória da igreja antiga, uma das mais conhecidas de Bombaim. Por outro, o novo sítio obrigava ao estilo moderno, o gótico, porque era um dos bairros mais qualificados da cidade, mesmo ao lado do museu então chamado Victoria and Albert e do jardim, que estavam em obra. O novo edifício foi construído em betão revestido exteriormente com pedra, o que é de assinalar para uma data tão precoce como 1911. É uma igreja gótica de nave alta e colaterais muito mais baixos, antecedida por uma torre sobre nártex. O exterior cita simultaneamente a torre da catedral anglicana de St. Thomas, muito admirada pelos meios arquitectónicos de Bombaim, incluindo os católicos, e o tratamento em pedra cinzenta com juntas e molduras caiadas de branco da igreja de Woodehouse Road, que já referi, inaugurada poucos anos antes, a mais conhecida e mais recente igreja católica do bispo de Bombaim, luxuosa nos seus interiores de pedra colorida. O interior de Nossa Senhora da Glória, pelo contrário, contrasta em absoluto com a riqueza das igrejas anglicanas, com a do bispo da Propaganda, e até com a festa de cores com que foi decorado o interior de madeira de Nossa Senhora do Monte de Bandra: também por ser de betão, a Glória está uniformemente caiada de branco à maneira das igrejas indo-portuguesas. O interior, gótico embora, é luminoso e claro (ilustração 7).

## **Os nomes e as coisas**

A palavra "português" não significava o mesmo para todos os actores do complexo drama que se desenrolou em Bombaim, entre o século XVIII e o princípio do século XX: os católicos nascidos na região, os goeses, a hierarquia católica do padroado e a do vigário apostólico, o poder colonial inglês e o português, os observadores ingleses e portugueses.

Todavia, as expressões "Bombay Portuguese", "classe portuguesa nativa de Bombaim", "east-indians" procuravam (e procuram ainda) designar um mesmo grupo de pessoas<sup>(73)</sup>: os católicos provenientes do extremo sul da antiga Província do Norte do Estado da Índia que, entre

<sup>(73)</sup> Também foi utilizada a palavra "noriteiro" para referir esse grupo de pessoas, mas aparentemente apenas pelos goeses.

a segunda metade do século XVII e o início do século XIX, se tornou a área metropolitana de Bombaim. A palavra "east-indians", a única ainda em utilização, designa os descendentes dessas pessoas que continuam a praticar o culto católico.

Além dos "Bombay Portuguese" ou "east-indians", o saber classificatório do século XIX criou outras designações de carácter étnico-religioso para outros grupos de católicos da região: os "cristãos de Salsete", os "kolis cristãos", os "cristãos de Baçaim". Nisso foi particularmente eficiente a intelectualidade ligada à igreja católica (cujo saber derivava evidentemente do saber ocidental da época): algumas fotografias de *In the Mission Field* (1925) mostram com grande clareza esse trabalho de configuração para a imagem dos grupos de católicos, com as suas roupas típicas e os seus agrupamentos familiares (ilustração 8)<sup>(74)</sup>. Os "east-indians" aparecem neste conjunto de fotografias como um grupo católico entre outros (ilustração 9) e percebe-se que assim seja porque, como vimos, a diocese de Damão, sob cuja responsabilidade se fez *In the Mission Field*, procurava apresentar todos os católicos como estando sob a sua jurisdição.

A distinção entre "cristãos de Salsete", "kolis cristãos" e outros grupos continua a ser mantida pelas organizações estruturadoras da "comunidade" de east-indians hoje existente, embora pareça que, desde pelo menos a década de 1960 (o livro de Elsie Baptista é sinal disso), se esteja a assistir, por parte dos políticos "comunitários", à tentativa de fazer o levantamento (que, como se sabe, é também construção) de uma série de traços culturais identificatórios dos east-indians como um verdadeiro etnónimo independente das suas sub-divisões. Esses traços vão de maneiras de vestir a hábitos alimentares, matrimoniais, festivos, etc. Sem um trabalho sério de carácter antropológico e etnográfico não é possível distinguir o que há nisto tudo de construção ideológica e

<sup>(74)</sup>Sobre a questão das relações entre a antropologia e a etnografia coloniais e a fotografia há uma bibliografia imensa; uma obra introdutória interessante é Edwards (ed.), *Anthropology and Photography*, 1994. Sobre a antropologia portuguesa e a Índia, com referências pontuais à recolha de dados, ver Roque, *Antropologia e Império*, 2001, esp. a Parte II. Para muitos ensaios da primeira obra e muitas páginas da segunda, é conveniente dar desconto à pesada carga ideológica pós-foucauldiana e pós-saidiana cujos cansativos "mantra" não adiantam nada à compreensão da realidade histórica.

histórica, nomeadamente em matéria de apagamento de divisões de casta dentro da "comunidade" e de relações linguísticas e outras com "comunidades" vizinhas.

No século XIX, a designação "portuguese" era utilizada também pelo poder colonial inglês. Os documentos da Companhia, quando se referem à dupla jurisdição, utilizam a palavra "portuguese" para se referir aos fiéis do padroado e "Portuguese churches" para as igrejas do padroado<sup>(75)</sup>. Nos levantamentos cartográficos ingleses da região de Bombaim, as igrejas católicas são sistematicamente designadas por "Portuguese church". Ainda hoje existe em Bombaim uma importante "Portuguese Church Road", em Lower Mahim ou Dadar, conduzindo à igreja moderna construída no sítio da antiga igreja da Salvação.

Com a passagem dos anos e a agudização da crise do "Cisma Goano", a palavra "portuguese" sofreu, aos olhos do poder colonial inglês - e, por reflexo, aos olhos de muitos "Bombay Portuguese" -, uma translação semântica: ao seu significado religioso começou a sobrepor-se um significado nacional: "portuguese" começou a querer dizer português.

De facto, influenciados pelo vigário apostólico e pela sua própria vontade de constituir todos os indianos enquanto súbditos do império, os ingleses esforçaram-se por acreditar que a maioria da população católica de Bombaim estava do lado da Propaganda.

A fidelidade ao bispo de Bombaim constituía, para os ingleses, uma condição necessária à integração dos católicos "portugueses" de Bombaim na nação britânica que se construía na Índia. Em 1819, ou seja, ainda antes do breve *Multa Præclare*, um tal Erskine, "Junior Magistrate of Police", acusou uma "facção [portion] dos católicos" de Salsete de "formarem uma espécie de casta separada no meio da comunidade, orgulhando-se de ser Portugueses e da sua ligação com Goa" em vez de "se dissolverem [melting away] no conjunto da população, considerando-se meramente Católicos Ingleses como fazem os súbditos do Bispo de Bombaim"<sup>(76)</sup>. Em 1849, o bispo Whelan respondeu a uma petição de católicos, escrita em português, que pedia a revogação do *Multa Præclare*, dizendo que os peticionários eram "Indo-Britons" e deviam estar gratos ao poder britânico<sup>(77)</sup>.

<sup>^</sup>Hull, *Bombay Mission History*, 1927, pp. 124,128-129,130-131, *passim*.

<sup>m</sup> Hull, *Bombay Mission History*, 1927, p. 170.

<sup>^</sup>Hull, *Bombay Mission History*, 1927, pp. 359-360.

Nem aos ingleses convinha que parte dos indianos sob autoridade da coroa britânica estivessem submetidos a um poder espiritual ligado a um poder temporal estrangeiro (Portugal), nem aos católicos originários da região de Bombaim convinha esta inconveniência inglesa que lhes podia custar a confiança das autoridades coloniais, indispensável para assegurarem os empregos que constituíam a posição intermédia entre o topo e a base da sociedade colonial.

De facto, os "Bombay Portuguese", oscilaram durante muito tempo entre duas pátrias, como se fossem migrantes entre dois sítios, Portugal e a Inglaterra (ou a Índia inglesa). Testemunham disso a exibição dos símbolos portugueses nas suas casas, ruas e igrejas, e a concomitante exibição da "Union Jack" e das palavras de fidelidade ao Raj nas manifestações públicas e na imprensa (il. 10).

A pressão da migração goesa em ambiente de rivalidade de casta e de luta pelos favores da sociedade colonial empurrou os "Bombay Portuguese" para a divisão.

Os "Bombay Portuguese" nunca, em qualquer geração, tinham conhecido o Portugal de que se reclamavam, nem sequer a mais próxima Goa. A sua panóplia de símbolos e traços culturais portugueses, e a sua utilização da língua portuguesa, não apontavam para a existência de um estado. Os "Bombay Portuguese" eram uma espécie de migrantes de espírito não só entre duas geografias, como também entre duas épocas: vinham do patriotismo da pátria regional e do lugar de nascimento (Bombaim), da religião e da etnia, para o patriotismo do estado-nação - no caso, o Raj. Para eles, não houve a súbita invenção do nacionalismo, apenas uma configuração estadual possível de uma constelação de factores proto-nacionais<sup>(7s)</sup>.

Este problema nunca se colocou aos goeses, em especial os mais qualificados e mais articulados: no seu caso, pátria, religião e língua situavam-se no mesmo sítio imaginário, Portugal. Em Bombaim eram emigrantes, nada mais e nada menos; mas, ao disputarem os favores da autoridade colonial inglesa, e ao reclamarem para si, por razões de casta,

(7s) **yer** Anthony D. Smith, *Identidade Nacional (1991-1997)* e *Nações e nacionalismo numa era global (1995-1999)* para ideias opostas às de E. Gellner e mais próximas desta aqui defendida. Ver ainda os Warwick Debates, 1995:

<http://www.lse.ac.uk/collections/gellner/Warwick.html>

<http://www.lse.ac.uk/collections/gellner/Warwick2.html>

o exclusivo da utilização do etnónimo "português", desempenharam um papel decisivo na desconstrução dos laços que ligavam os "Bombay Portuguese" à ideia de Portugal.

A arquitectura das igrejas católicas da região de Bombaim, contrariamente ao que sucedeu no caso dos edifícios do Raj, sobretudo os de estilo indo-sarraceno, não integrou ou reforçou uma narrativa ideológica de carácter estatal ou nacionalista<sup>(79)</sup>. Pelo contrário: resultou de uma tentativa de conciliação entre modernidade, inglesismo e tradição a que as circunstâncias históricas forçaram tanto os "Bombay Portuguese" como os próprios goeses. O interior caiado de branco da Gloria de Mazagão, tradicional e indo-português, contrabalança o seu afirmativo exterior gótico e inglês; ambos se lêem como uma síntese católica moderna que procura recalcar a cisão padroado/Propaganda e a diferença nacional entre Goa e o Raj.

Todavia, persiste por toda a parte na região de Bombaim a memória daquilo que queria dizer a palavra "português" há um século. Encontram-se ainda hoje, em áreas de subúrbio e nos sítios onde se mantém a paisagem agrícola ou piscatória, muitas igrejas com lápides funerárias e inscrições em português datadas de entre o final do século XVIII e o início do século XX, restos de bairros com casas de nomes de origem portuguesa, e sobretudo habitantes católicos chamados Mello, Baptista, Fernandes.

Num fim de tarde de Fevereiro de 2007, perto das ruínas da antiga igreja dos Reis Magos de Gorai, a norte de Bombaim, uma senhora que me veio mostrar a sua casa disse-me que era east-indian. Eu respondi que era português e ela retorquiu: "It's the same thing, no?".

## Bibliografía

ABREU, Luís Miguel de - *Viagem de Goa a Bombaim*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1875.

*After the Imperial Turn*, Antoinette Burton (ed.), Durham NC, Duke University Press, 2003.

<sup>(79)</sup> Sobre o nacionalismo e a arquitectura do Raj, ver Metcalf, *An Imperial Vision*, 1989 e *Imperial Connections*, 2007, pp. 46-67.

- ALBUQUERQUE, Teresa - *To love is to serve. Catholics of Bombay*, Bombay, Heras Institute of Indian History and Culture, 1986.
- ALBUQUERQUE, Teresa - "Education in 19<sup>th</sup> century Bombay: indo-portuguese contribution", *Indica (journal of the Heras Institute of Indian History and Culture)*, vol. 38, n. 1/2, 2001, pp. 176-184.
- Anthropology and Photography, 1860-1920*, Elizabeth Edwards (ed.), Yale University Press, New Haven e Londres, 1994.
- BAPTISTA, Elsie - *The East Indians, Catholic community of Bandra, Salsette end Bassein*, Bandra, Bombay East Indian Association, The Anthropos Institute, 1967.
- Bombay Gazetteers, Materials towards a statistical account of the Town and Island of Bombay in three volumes*, Bombay, Government Central Press, 1893.
- Bombay to Mumbai, changing perspectives*, Pauline Rohatgi, Pheroza Godrej, and Rahul Mehrotra (eds), Mumbai, Marg Publications, 1997.
- CASTRO, António Tomás da Silva Leitão e - *Relatório e proposta que apresentou à comissão das missões Ultramarinas o vogal D. Antonio Thomas da Silva Leitão e Castro, Bispo preconisado de Lycopolis, Prelado de Moçambique, antigo Governador e Visitador das Missões Portuguesas na Índia*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883.
- CLEMENS, John Clancy - *The genesis of a language: the formation and development of Korlai Portuguese*, Creole Language Library 16, Amsterdam e Philadelphia, Johns Benjamin, 1996.
- CORREA, Msgr. Francis - *Heritage of Mount Mary, Bandra*, Bandra, Mount Mary's Basilica, 2004.
- CUNHA, Gerson da - *Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein*, Bombay, Thacker, Vining & Co. 1876, reed. New Delhi, Asian Educational Services, 1993.
- CUNHA, Gerson da - *The Origin of Bombay*, número especial do *The Journal of the Bombay Branch of the Royal Asiatic Society*, 1900, reed. New Delhi, Asian Educational Services, 1993.
- DE MELLO, John - *Some materials for a history of the Bombay East Indian Community*, Bombay, ed. do autor, n.d. [1937].
- DIAS, Geraldo J. A. Coelho - "Entre a Pátria e a Religião no tempo do Liberalismo: Dom fr. António de Santa Rita Carvalho, egresso beneditino e arcebispo-eleito de Goa", *Poligrafia*, vol. 9/10, 2000-2001, pp. 226-244.
- Discursos recitados na ocasião da inauguração e nas sessões publicas e solemnes dos anniversarios da Sociedade dos Amigos das Letras seguidos d'un summario dos seus relatórios*, Bombaim, na typographia de "Examiner", 1872
- DOSSAL, Mariam - *Imperial Designs and Indian Realities. The planning of Bombay City, 1845-1875*, Bombay, Oxford University Press, 1991.
- EDWARDES, S. M. - *The Bombay City Police. A historical sketch, 1672-1916*, Londres, Bombay, Oxford University Press, 1923.

- FERNANDES, Braz A. - *Bandra: its Religious and Secular History*, Bombay, The Fine Art Press, 1927.
- FIGUEIREDO, Niceno de - *Pelo clero de Goa. Duas lendas: o Cisma de Goa e a Ignorância do Clero Goês*, Bastorá, Índia Portuguesa, Tipografia Rangel, 1939.
- FRYER, John - *A New Account of East India and Persia, being nine years travels, 1672-1681*, Londres, Hakluyt Society, 1909, ed. fac-simile, New Delhi, Asian Educational Services, 1992.
- Gazetteer of the Bombay Presidency, Thana District, Thana, places of interest*, 1882, ed. fac-simile, Bombay, the Executive Editor and Secretary, Gazetteers Department, Govt, of Maharashtra, 2000.
- GELLNER, Ernest - *Nações e nacionalismo*, Lisboa, Gradi va, 1993 (edição original 1988).
- GELLNER, Ernest - *Dos nacionalismos*, Lisboa, Teorema, 1998 (edição original 1994).
- GODWIN, C. S. - *Change and continuity: a study of two Christian village communities in suburban Bombay*, Bombay, Tata MacGraw Publishing Co., 1972.
- GRACIAS, João B. Amâncio - "Notícia necrológica e biográfica de Gerson da Cunha", *O Instituto*, vol. 48,1,1901, pp. 47-49.
- GROSE, Jean-Henri - *Voyage aux Indes Orientales, traduit de l'Anglais par M. Hernandez l'un des Auteurs du Journal Étranger*, Londres, Lille, Paris, 1758.
- HEBER, Reginald - *Narrative of a Journey through the Upper Provinces of India from Calcutta to Bombay, 1824-1825, with notes upon Ceylon. An Account of a Journey to Madras and the Southern Provinces 1826, and letters written in India, third edition in three volumes*, Londres, John Murray 1828, ed. fac-simile, New Delhi, Asian Educational Services, 1995.
- HULL, Ernest R. - *Bombay Mission-History, with a special study of the Padroado question*, Bombay, Examiner Press, 1927.
- In the mission field: the diocese of Damaun*, S. R. Santos (ed.), Bombaim, 1925.
- JACKSON, K. David - introdução a TAVARES DE MELLO, *Folclores Ceiloneses, colectânea de textos do crioulo português de Ceilão*, int. de K. David Jackson, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.
- JACKSON, K. David - *De Chaul a Batticaloa: as marcas do império marítimo português na Índia e no Sri Lanka*, Ericeira, Mar de Letras, 2005.
- JAMES, Cynthia Gomes - "Tiatr: un unlimited engagement", Jerry Pinto (ed.), *Reflected in Water. Writings on Goa*, New Delhi, Penguin Books, 2006, pp. 162-171.
- Jesuits in India: in historical perspective*, org. Xavier Center of Historical Research, Teotónio R. de Souza, Charles J. Borges (ed.), Macau/Goa, Instituto Cultural; Xavier Center of Historical Research, 1992.

- KARKARIA, R. P. (ed.) - *The Charm of Bombay. An Anthology of Writings in praise of the First City in India*, Bombay, D. B. Taraporevala, Sons & Co., 1915.
- MEERSMAN, Achilles - *Annual reports of the Portuguese Franciscans in India 1713-1833 collected and annotated by Fr. Achilles Meersman*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1972.
- MEERSMAN, Achilles - *The Franciscans in Bombay: history of the Franciscans in the territory comprised within the boundaries of the present Archdiocese of Bombay*, Bangalore, Everybody's St. Anthony, St. Anthony's Friary, 1957.
- MENDEIROS, José Filipe - "Cunha Rivara e o Padroado Português no Oriente", *Anais da Academia Portuguesa de História*, vol. 28, 1982, pp. 91-114.
- MESNIER, Pedro Gastão - *Viagem de Sua Ex<sup>a</sup> o sr. visconde de Sam Januario ás praças do norte: Bombaim, Damão, Diu, Pragana e Surrate*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1871.
- METCALF, Thomas R. - *An Imperial Vision: Indian architecture and Britain's Raj*, Berkeley, Los Angeles, University of California Press, 1989.
- METCALF, Thomas R. - *Imperial Connections. India in the Indian Ocean arena, 1860-1920*, Berkeley, Los Angeles, Londres, University of California Press, 2007.
- New (The) Church, House & School in Woodehouse Road, Bombay*, s.l., s.d. (Bombaim, ca. 1904).
- PEREIRA, A. Nicolau G. - *Spanish rule in Portugal (1580-1640) and its impact on the Padroado missions of the East*, separata do *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, n° 173-1995, Panjim, Goa.
- Questão da igreja da Salvação em Dadar, Bombaim*, na *Typographia de Portuguez Britannico*, 1892.
- REGO, Antonio da Silva - *O Padroado Português do Oriente e a sua historiografia (1838-1959)*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1978.
- REGO, António da Silva - *O Padroado Português do Oriente, esboço histórico*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1940.
- Regulamento dado às irmandades, confrarias e mais associações religiosas do Vicariato Geral do Norte*, Meliapor, Paço Episcopal, 1880
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha - *O arcebispo de Goa e a Congregação de Propaganda Fide / por um português*, Nova-Goa, na Imprensa Nacional, 1862.
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha - *Additamento às reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1858.
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha - *De Lisboa a Goa pelo Mediterrâneo, Egypto e Mar Vermelho em 1855*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1856
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha - *Reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente applicadas à proclamação pastoral do Rev. Fr. Angelico... / por um portuguez*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1858.

- ROQUE, Ricardo - *Antropologia e Império: Fonseca Cardoso e a expedição à Índia em 1895*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2001.
- SÁ, M. de - *The history of the diocese of Damaun, Bombaim* [s.n.], 1924.
- SHROFF, Zenobia - "Early Parsi Settlers in Bombay", *Índica (journal of the Heras Institute of Indian History and Culture)*, vol. 38, n. 1/2, 2001, pp. 237-244.
- SMITH, Anthony D. - *Identidade nacional*, Lisboa, Gradiva, 1997 (edição original 1991).
- SMITH, Anthony D. - *Nações e nacionalismo numa era global*, Oeiras, Celta, 1999 (edição original 1995).
- SOUZA, Lygia D' - "400 years of Gloria church", *Gloria Bridge newsletter*, vol. 3, 5, 1995, Byculla, Mumbai.
- TAVARES DE MELLO - *Folclore Ceiloneses, coletânea de textos do crioulo português de Ceilão*, int. de K. David Jackson, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.
- VARELA GOMES, Paulo e ROSSA, Walter - "O primeiro território: Bombaim e os portugueses", *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, n° 41, 2000, pp. 210-224.
- VELINKAR, Joseph - *German Jesuits on the West Coast of India, 1854-2004*, Pune [s.n.], [n.d.] [2005].
- WA'CHHA, Sir D. E. - *Shells from the sands of Bombay, being my recollections and reminiscences, 1860-1875*, Bombay, K.T. Anklesaria, 1920. Ilustração 3 - Igreja do Monte, Bandra, vista frontal (foto BBB).

## Ilustrações



Ilustração 1 - Aspecto do bairro de Kottachiwadi, Bombaim (foto BBB).

Ilustração 2 - Igreja do Monte, Bandra, adaptação de um desenho português de 1718 (Braz Fernandes, 1927).

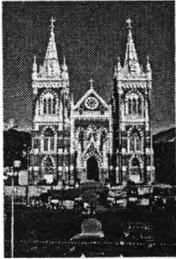


Ilustração 3 - Igreja do Monte, Bandra, vista frontal (foto BBB).

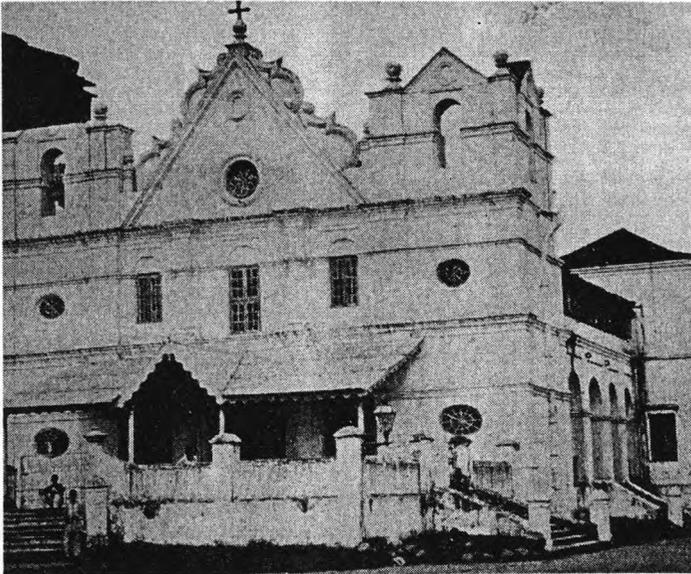


Ilustração 4 - Igreja de Nossa Senhora da Glória antiga, Mazagão, Bombaim  
(*In the Mission Field*, 1925).



Ilustração 5 - Igreja de N. S. da Glória, Byculla, Bombaim (foto BBB).



*Photo by*

**Church of Our Lady of Mount Carmel, Bandra. Built in 1892.**

*Gomes & Laurie.*

Ilustração 6 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Bandra (*In the Mission Field*, 1925).

Ilustração 7 - Igreja de N. S. da Glória, Byculla,  
Bombaim, interior (foto BBB).

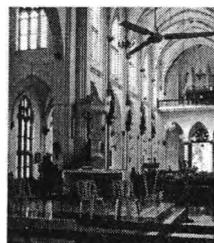




Photo by

The Catholics of Bassein.

Braz A. Fernandes

Ilustração 8 - "Católicos de Baçaim" (*In the Mission Field*, 1925).



Photo by

East Indian Bride and Bridegroom.

Gomes & Lamerie.

Ilustração 9 - "Noivos east-indians" (*In the Mission Field*, 1925).

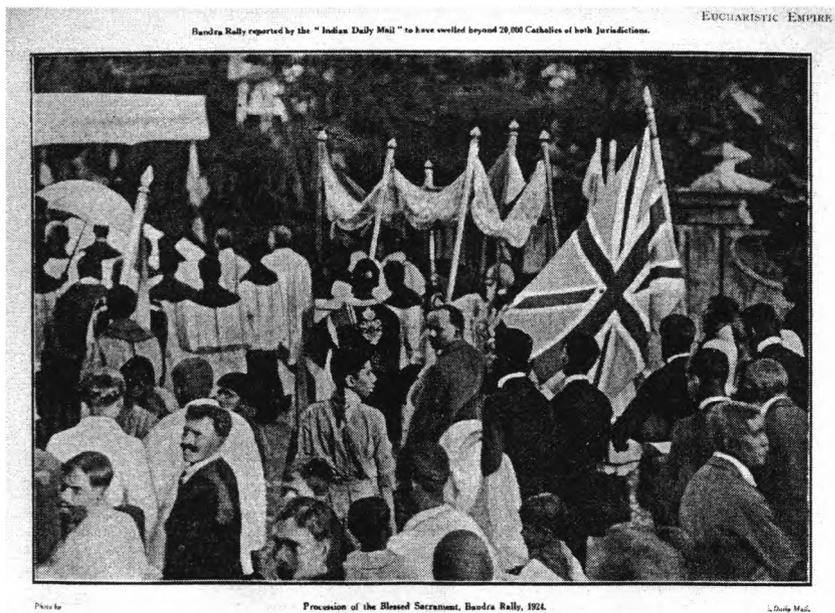


Ilustração 10 - Desfile católico "de ambas as jurisdições" em Bandra, 1924  
(*In the Mission Field*, 1925).